

Pressa faz senadores protestarem

Após oito horas de sessões consecutivas, que começaram às 9h, o Senado votou ontem vários projetos — embora nem mesmo a Mesa, que presidia os trabalhos, soubesse quais. “Nós estámos votando uma caixa-preta”, protestou o senador Jutahy Magalhães (PSDB-BA), que pediu para constar em ata seu voto de abstenção em todos temas. Primeiro, foram intermináveis discursos dos senadores Roberto Campos (PDS-MT) e Marcondes Gadelha (PFL-PB), que se despediram da Casa.

Depois, foram quatro votações seguidas, de um projeto do senador Nélson Carneiro (PMDB-RJ), criando o ponto para a maioria dos funcionários do Senado. Como a proposta tinha a oposição

.dos senadores Saldanha Derzi (PRN-MS) e do vice-líder do governo, Ney Maranhão (PRN-PE), entre outros, as votações foram obstruídas sistematicamente. Curiosamente, o quórum foi decrescendo a cada votação: 30, 28, 25 e 23 senadores presentes em plenário, indicava o painel eletrônico. O mínimo exigido pela Constituição é de 38.

Finalmente, quando o relógio apontava 17h30, o senador Pompeu de Sousa (PSDB-DF) disparou, com voz ininteligível, a leitura de diversos projetos, mas ninguém entendeu. “Eu gostaria de saber o que nós estamos votando”, indagou inúmeras vezes o senador paulista Mário Covas, líder do PSDB e um dos poucos interessados em conhecer o que estava

sendo votado. Foi exatamente nesse intervalo — pouco menos de 15 minutos — que os senadores aprovaram, sem saber, dois projetos de lei complementar, que, pela Constituição, exigem maioria absoluta dos votos. De autoria do senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP), que não estava em plenário, as votações foram simbólicas, ou seja, como ninguém se manifestou, o tema foi aprovado.

A pressa fez com que o senador Nélson Wedekin (PDT-SC) reagisse quando a terceira lei complementar entrava em votação. Ele quis saber se o regimento permitia que o voto não fosse proferido nominalmente por cada senador, constrangendo Iran Saraiva (PDT-GO), que presidia a sessão.